

## HOMENS E MULHERES DO MAR: APONTAMENTOS SOBRE A PESCA ARTESANAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL-SC

*FISHERMEN AND FISHERWOMEN: A STUDY ABOUT ARTISANAL FISHING IN SÃO FRANCISCO DO  
SUL-SC*

*HOMBRES Y MUJERES DEL MAR: NOTAS SOBRE LA PESCA ARTESANAL DE SAN FRANCISCO DO  
SUL-SC*

WAGNER, Daniela Feyh

CARDOSO, Eduardo Schiavone

### RESUMO

A pesca artesanal é considerada muito importante ao longo do litoral, sendo um dos elementos responsáveis pela fixação de grupos humanos. É responsável por cerca de 50% do que é pescado no Brasil e os sujeitos que se dedicam à pesca, homens e mulheres, têm a natureza como objeto de trabalho. É dela que advém a renda e também sobre a qual se constrói seu conhecimento para exercer o ofício – conhecimento construído na prática. As pessoas que se ocupam do trabalho pesqueiro possuem um modo de vida influenciado pelo meio natural e pela existência de cardumes de pescado. Assim entra em cena o município de São Francisco do Sul, objeto de estudo deste trabalho, localizado no litoral norte catarinense, no qual a pesca artesanal é bem relevante, considerando o elevado número de famílias que se ocupam desta atividade. Por meio de pesquisas bibliográficas e trabalhos de campo, foi elaborado um panorama da pesca artesanal de São Francisco do Sul - SC, trazendo dados sobre os sujeitos envolvidos, produção, materiais utilizados, infraestrutura existente, destino da produção, principais espécies pescadas.

**Palavras-Chave:** Pesca artesanal. Conhecimento tradicional. Pescadores. Litoral norte catarinense.

### ABSTRACT

Artisanal fishing is considered extremely important along the coast, it is one of the elements responsible for human installations. Around 50% of the Brazilian fishing is due to it, fishermen and fisherwomen have the nature as their work object. They get their income from this activity as well as the knowledge related to it; they improve the learning while they practice. People who work in fishing have a lifestyle influenced by the natural environment in addition to the shoal existence. In the city of São Francisco do Sul, the focus of this study, in the north coast of the state of Santa Catarina, artisanal fishing is significant considering that it involves a high number of families. Based on bibliographical research combined with fieldwork, an overview of the artisanal fishing in the city was developed with data about the people, the production and its destination, the used material, the infrastructure, the main species.

**Keywords:** Artisanal Fishing. Traditional knowledge. Fishermen. The catarinense north coast.

### RESUMEN

La pesca artesanal es considerada muy importante a lo largo de la costa, siendo uno de los elementos responsables por el establecimiento de grupos humanos. Es responsable en aproximadamente 50% de lo que se pesca en Brasil y los sujetos que se dedican a la pesca, hombres y mujeres, tienen la naturaleza como objeto de trabajo. Es de ella que proviene el ingreso y también sobre el que se acumula su conocimiento para ejercer el oficio: el conocimiento construido en la práctica. Las personas que se dedican al trabajo de pesca tienen una forma de vida influenciada por el entorno natural y la existencia de bancos de peces. Así es con el municipio de São Francisco do Sul, ubicado en la costa norte de Santa Catarina, en el que la pesca artesanal es muy relevante, considerando el alto número de familias que se ocupan de esta actividad. Se realizó un estudio de la pesca artesanal en São Francisco do Sul - SC mediante investigación bibliográfica y trabajo de campo, proporcionando datos sobre los temas involucrados, producción, materiales utilizados, infraestructura existente, destino de producción, principales especies de peces.

**Palabras-Clave:** Pesca artesanal. Conocimientos tradicionales. Pescadores. Costa norte de Santa Catarina.

## INTRODUÇÃO

A pesca no Brasil é uma atividade presente nos espaços marinho e continental, e considerando-se a pesca artesanal, esta é responsável por cerca de 50% do que é pescado (DIEGUES, 2002), sendo o restante resultado da pesca empresarial-industrial. Essa categoria de população tradicional, formada pelos pescadores, está espalhada pelo litoral, pelos rios e lagos e tem um modo de vida baseado principalmente nas capturas de pescado, podendo exercer outras atividades econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura.

A atividade pesqueira se encontra presente desde os tempos mais remotos, da pré-história da humanidade. De acordo com Cardoso (2001, p. 23),

Como atividade extrativa, compõe a dieta alimentar dos grupos humanos ancestrais. Este fazer, remonta a um saber – um saber sobre a natureza construído por homens e mulheres, um saber construído na apropriação da natureza. Natureza apropriada materialmente por intermédio da técnica, simbolicamente pelos sistemas cognitivos construídos socialmente.

Assim, o ambiente de exploração da pesca artesanal sofre constantes mudanças, principalmente por estas atividades estarem restritas ao limite imposto pelo meio ambiente, relacionados por vezes ao baixo esforço de pesca, bem como pelas incertezas das condições climáticas, viabilidade de peixes, entre outros fatores que alteram as estratégias utilizadas e as viagens em busca do pescado (RAMIRES, BARRELLA e ESTEVES, 2012).

A pesca em Santa Catarina foi um dos elementos de fixação dos grupos humanos no litoral. Essa atividade apresentou diversas mudanças com o passar dos tempos, no que diz respeito aos materiais utilizados e até mesmo às espécies pescadas (LAGO, 1961).

A costa de Santa Catarina tem a extensão de 531 quilômetros, correspondendo a 7% do litoral brasileiro. Abrange 34 municípios, nos quais foram identificadas 337 localidades onde ocorre pesca artesanal. As principais atividades econômicas nesses locais são a pesca, turismo, serviços e agricultura. A atividade pesqueira engloba várias modalidades e emprega, na sua grande maioria, embarcações motorizadas (PROZEE, 2005).

Os pescadores artesanais apresentam um modo de vida particular, sobretudo aqueles que vivem das atividades pesqueiras marítimas e que praticam a pequena pesca, cuja produção em parte é consumida e em parte é comercializada. A unidade de produção é geralmente a familiar, incluindo também conhecidos e parentes (DIEGUES, 2002).

Estas atividades apresentam uma importância muito grande ao município de São Francisco do Sul - SC, principalmente pela quantidade de famílias envolvidas nas atividades. Além dos pescadores em si, há todo um circuito econômico que gira em torno da atividade, a contar as peixarias, mercados, bares, fabricantes de barcos e petrechos de pesca. Ademais, esta é uma atividade que acompanha o município desde sua constituição.

Assim, no decorrer do trabalho faremos a caracterização da pesca artesanal de São Francisco do Sul, apontando o perfil dos sujeitos envolvidos na atividade neste município, bem como trazer dados sobre a produção, materiais utilizados, infraestrutura existente, destino da produção, principais espécies pescadas, além de elucidar alguns conceitos pertinentes à pesca e aos pescadores artesanais.

As informações foram obtidas por meio da realização de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, atlas, informativos da atividade pesqueira e por meio da realização de trabalhos de campo e entrevistas em São Francisco do Sul, com visitas a algumas comunidades pesqueiras e diálogos com representantes de órgãos públicos do município responsáveis pela atividade.

## O MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO DO SUL - SC

O município de São Francisco do Sul (Figura 1) localiza-se no litoral norte catarinense a 188 quilômetros de distância da capital Florianópolis. Apresenta uma área total de 540,8 km<sup>2</sup>, com clima subtropical úmido,

caracterizado por temperaturas que variam de 15°C a 25°C e altitude média de 9 metros acima do nível do mar. Conta com a presença do Bioma Mata Atlântica com formações vegetais distintas, tais como Floresta Ombrófila Densa, Manguezais e Restinga.

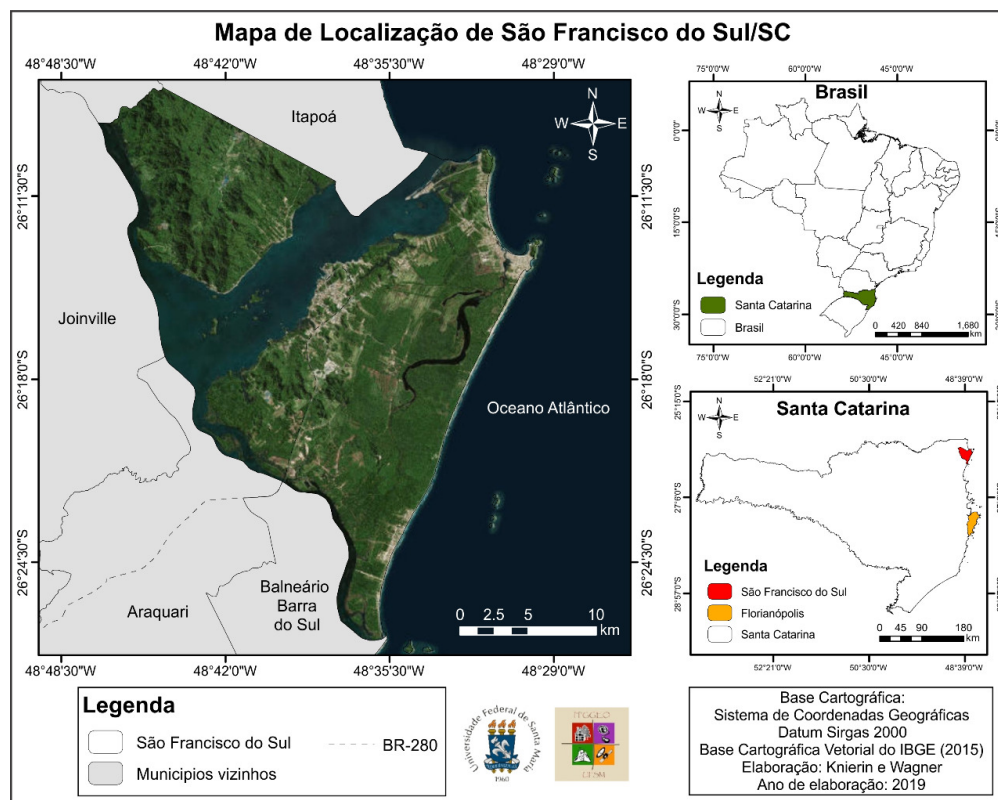


Figura 1: Localização de São Francisco do Sul-SC

Fonte: Knierin e Wagner (2019)

Cabe destacar que o município está localizado na Baía Babitonga, algumas de suas características são descritas a seguir:

(...). Abriga a ilha de São Francisco com cerca de 300 km<sup>2</sup>, dentre outras de menor porte e é delimitada ao norte por esporões da Serra do Mar e ao sul e oeste por planícies costeiras. Com extensas redes de canais que penetram cerca de 30 km continente adentro, estendendo-se por mais 25 km à noroeste, recebe descarga dos rios Pirabeiraba, Cubatão e Cachoeira, entre outros sendo os primeiros, responsáveis pelo lançamento dos efluentes urbanos e industriais de Joinville. As planícies costeiras com recobrimento sedimentar de origem aluvionar, cujas diferentes associações originam ambientes de deposição distintos e possuem cobertura vegetal associada a tais ambientes, dos quais destacam-se mangue, as dunas e a Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas. Em níveis topográficos mais elevados encontram-se a Floresta Ombrófila Densa Submontanha. Esta cobertura original apresenta-se bastante alterada em vários trechos em virtude das atividades humanas na área (DIEGUES, 2002, p. 553).

A população do município, de acordo com o último censo do IBGE (2010), era de 42.520 mil habitantes. A estimada em 2018 é de 51.677 habitantes, de acordo com o IBGE. Em função de se constituir em um município de forte apelo turístico esta população sofre um incremento significativo nos meses de veraneio. Tal apelo se deve em função das praias e das características do seu patrimônio histórico e cultural, tendo em vista a cidade ser considerada a mais antiga do estado.

São Francisco do Sul caracteriza-se por abrigar uma estrutura portuária considerada a maior do estado catarinense, composta por cais de atracação situados junto ao centro urbano, terminal petrolífero na Praia de Ubatuba e armazéns ao longo dos canais. Sendo assim, além da atividade pesqueira, as atividades econômicas desenvolvidas no município tem forte influência de sua localização litorânea e marítima.

## A ATIVIDADE PESQUEIRA

A pesca artesanal gera renda para parcela significativa da população local. Em 2004, exerciam a atividade 1.222 pescadores oficialmente registrados na colônia Z-2, o que torna essa colônia umas das maiores do litoral de Santa Catarina (SANTOS, NACKE e REIS, 2004). Em 2018, de acordo com a Secretaria de Pesca do município, havia cerca de 1.500 pescadores registrados, dos quais cerca de 900 na ativa. Estes pescadores são moradores de 17 comunidades pesqueiras, entre as quais pode-se destacar: Estaleiro, Vila da Glória, Praia Bonita, Enseada, Laranjeiras e Paulas.

No período de janeiro de 2014 a junho de 2015, foi executado o Projeto de Caracterização Socioeconômica das Atividades de Pesca e Aquicultura em Santa Catarina (PCSPA-SC), executado como parte do projeto de "Caracterização Socioeconômica da Pesca e Aquicultura nas Áreas de Influência dos Empreendimentos de Exploração e Produção na Baía de Santos", que envolveu também os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Este levantamento ficou a cargo da PETROBRÁS em parceria com a Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro – FIPERJ e o Instituto de Pesca de São Paulo e com a Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI (UNIVALI, 2018). Desta forma, baseou-se nas informações deste levantamento e nas informações obtidas nos trabalhos de campo e entrevistas para estabelecer o panorama pesqueiro e o perfil dos pescadores de São Francisco do Sul, conforme poderá ser visto a seguir<sup>1</sup>.

Como estruturas de apoio à atividade pesqueira, há no município 2 pontos de abastecimento de óleo diesel para as embarcações; 37 estruturas de beneficiamento, armazenamento e comercialização de pescado; 542 estruturas de embarque e desembarque de pescado; 1 estrutura de fabricação e comercialização de gelo; e 373 estruturas de reparo e manutenção de embarcação e petrecho.

Sobre as embarcações (Figura 2), há registro de 711 embarcações com média de 2 tripulantes por embarcação. Destas, 98% são embarcações de boca aberta e 2% com convés fechado. Sobre as embarcações de convés fechado, 10% possuem casaria. Do total de embarcações registradas no município, 86% possuem motor. A média de capacidade de carga das embarcações é de 928 kg. A pesca é realizada predominantemente até a isóbata<sup>2</sup> de 30 metros de profundidade.



Figura 2: Exemplos de embarcações de São Francisco do Sul

Fonte: Wagner (2018)

Dos aparelhos de pesca, a maior contribuição é das redes de emalhe, com 43,3%; seguido por arrasto duplo 20%; arrasto de praia com 8,86%; gerival 8,13%; armadilha de caranguejo com 4,22%; e demais aparelhos 20% (UNIVALI, 2018).

A pesca no município de São Francisco do Sul ocorre no interior da Baía da Babitonga e na área oceânica. Na primeira é voltada para a captura dos camarões branco e rosa e de peixes, utilizando-se redes de caceio e gerival. As redes de emalhar fundeadas e demais redes de emalhar, capturam pescada, linguado e parati. Na área oceânica a pesca é caracterizada por embarcações do tipo bote sem cabine e com cabine, voltadas para o arrasto de camarões branco e rosa e de peixes.

<sup>1</sup> Há dois esclarecimentos com relação aos dados a serem expostos: 1) como há uma grande quantidade de comunidades pesqueiras, serão apresentados os dados médios do município; 2) todos os dados do relatório citado possuem uma margem de erro de cerca de 3%.

<sup>2</sup> Linha que representa, em mapas de corpos d'água (rios, lagoas, mares, oceanos..), pontos de mesma profundidade. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/isobata.htm>> Acesso em: 20 de setembro de 2019.

Cada pescador cadastrado emprega, em média, 1,5 pessoas da família na atividade pesqueira, sendo que em algumas comunidades de pesca esse número chega a 3 pessoas. A idade média das mulheres que atuam na atividade é de 46,18 anos e para os homens, 47,14 anos. Estas famílias possuem uma média de renda de 1,57 salários mínimos mensais. Essa média varia entre 3 a 0,50 salários por família e 6% recebem bolsa-família (UNIVALI, 2018).

Como destinos da produção pesqueira de São Francisco do Sul, o elemento principal é a venda direta, com 70%; o atravessador ou intermediário, com 35%; as peixarias com 28%; restaurantes, com 9%; e por fim as salgas, com 3% da produção (UNIVALI, 2018).

Muitos pescadores processam sua produção em casa e depois vendem diretamente ao consumidor. Estes possuem pequenas salas no fundo de suas casas nas quais descascam o camarão, beneficiam os peixes, congelam e efetuam a venda. Por terem seu sistema de produção mais organizado, estes pescadores conseguem gerenciar um capital de reserva, enquanto os que entregam sua produção aos atravessadores não podem contar com esta estabilidade.

Quanto aos tipos de conservação do pescado utilizados pelos pescadores, a grande maioria é comercializada in natura e inteira e em menores porcentagens congelada, eviscerada ou filetada. Das principais espécies pescadas, temos a tainha, camarão-sete-barbas, parati, corvina, bacucu, pescada-amarela e camarão-branco. No ano de 2017, a produção da pesca artesanal foi de 2.925,7 toneladas. A maior concentração ficou nos meses de janeiro, junho, agosto e dezembro. Além da pesca extrativa encontra-se também a produção aquícola que, de acordo como o IBGE, em 2017, foi responsável por um montante de 180 toneladas de camarão, 105 toneladas de ostras, vieiras e mexilhões e 28 toneladas de tilápia (UNIVALI, 2018).

A produção pesqueira de São Francisco do Sul é consumida principalmente no próprio município, em bares, restaurantes, peixarias, venda direta e comercializada nos municípios vizinhos, com destaque à Joinville - SC. A presença de consumidores imediatos significa um estímulo à manutenção da atividade pesqueira.

Com o passar dos anos, os pescadores de São Chico, como é carinhosamente chamado o município de São Francisco do Sul-SC, estão perdendo a técnica de salgar o camarão e fazem uso de gelo nos barcos para conservá-lo até a venda. Nos barcos há freezers, geladeiras e até mesmo caixas de isopor nos quais é colocado o pescado. Esse gelo é fornecido pela fábrica de gelo do município, que fica na Praia de Paulas.

Apesar do camarão apresentar grande relevância econômica e volume de captura, sua pesca é predatória por ser de arrasto de fundo. Uma grande quantidade de fauna acompanhante é capturada, sendo que há uma média de 70% de descarte dessas espécies, principalmente pelo tamanho insuficiente para abate. Assim, não há mais expedição de licenças novas para a pesca, somente renovação das já existentes.

Ainda, cerca de 30 famílias trabalham com o cultivo de mariscos e ostras no município. A produção é feita por meio do uso de longlines – linhas e boias com o uso de cordas e lanternas. As sementes de ostra são trazidas da capital, Florianópolis. No ano de 2003, a Associação dos Maricultores do Bairro de Paulas (AMACOP) produziu 22 mil kg de mexilhão. Já nas localidades de Vila da Glória, Capri e Paulas, é desenvolvido o cultivo de ostras, com o apoio da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) e da Federação dos Maricultores de Santa Catarina (FAMASC) (SANTOS, NACKE e REIS, 2004).

Por meio da literatura e dos trabalhos de campo, observa-se que uma das grandes dificuldades dos pescadores artesanais é sua organização em cooperativas, a fim de agregar valor à sua produção. Como a pesca é uma atividade extrativa e sazonal, em alguns meses do ano a oferta de pescado é maior do que em outros, é mais difícil conseguir fazer um planejamento de vendas da produção.

Já nos anos da década de 1960 observava-se esta questão, pois de acordo com Lago (1968, p. 39)

A fronteira entre a ação tradicional individualista desses pequenos industriais de pescado e a organização da produção por meio de cooperativas poderá ser atingida mediante esforços de fora para dentro. É necessário que a motivação cooperativista não permaneça na dependência dos esforços palidamente esboçados por pequenos produtores que mal ou bem puderam manter o funcionamento de suas salgas primitivas.

Assim, no município, a criação de cooperativas seria um passo importante para acabar com a dependência que os pescadores possuem dos intermediários e atravessadores, para conseguirem competitividade no mercado e para venderem seus produtos a mercados mais longínquos. À vista disso, o modelo de gestão participativa (em forma de cooperativas) exigiria uma participação ativa e construtiva dos pescadores, de forma a envolvê-los nas discussões e tomada de decisão conjunta sobre assuntos relacionados ao cotidiano da pesca, como a venda da produção, o uso de artes de pesca, espécies capturadas, uso das áreas de pesca, conflitos, relações familiares e de compadrio, entre outros (SILVA, 2014).

## PESCADORES ARTESANAIS COMO SUJEITOS SOCIAIS

As pessoas que se ocupam do trabalho pesqueiro possuem um modo de vida distinto dos demais grupos, pelo fato da atividade ser influenciada pelas dinâmicas naturais, pela existência de cardumes de pescado em épocas distintas, fazendo com que estes trabalhadores determinem seus horários e duração do trabalho em função do ciclo natural das águas, das espécies e do conhecimento que detêm sobre a natureza.

Para Ramalho (2006, p. 24-5),

Os pescadores artesanais embarcados são sujeitos sociohistóricos que se apropriam de maneira bastante peculiar de um recurso ecológico particular – por ter seu uso livre e por sofrer mudanças ambientais constantes –, por meio de suas práticas produtivas e simbólicas, cuja organização se dá a base da experiência de um conhecimento adquirido no transcurso da vida e que tem na esfera do trabalho sua essência. Utilizam tecnologias patrimoniais/artesanais (barcos, redes), independentemente de possuí-las ou não, que permitem pouca ou nenhuma capacidade de acúmulo de capital. Ademais, produzem essencialmente para o mercado, ao qual estão subordinados por uma extensa rede de atravessadores, mas não excluem o consumo doméstico, funcionando dentro do sistema de parceria, que é regido, normalmente, pelos laços de pertencimento a uma parentela (sem que a unidade doméstica – esposa, marido e filhos(as) – seja o núcleo central), aos compadres e amigos, cujo pagamento do trabalho respeita a lógica do quinhão, sendo o produto repassado, obrigatoriamente, ao dono dos instrumentos de trabalho.

As pessoas que se dedicam à atividade pesqueira artesanal, apresentam o controle sobre o processo de trabalho, possuindo um conhecimento acumulado do ofício pesqueiro, além de serem proprietários dos seus meios de produção. Outro aspecto importante é que este tipo de pesca possui pouca divisão do trabalho, gerando pouco desenvolvimento das forças produtivas, bem como apresentando um regime de trabalho em parceria, principalmente com sua unidade familiar e com a vizinhança (MORENO e CARVALHAL, 2013).

Ainda, pescador artesanal é aquele que detém consciência sobre os ciclos e o meio ambiente no qual realiza o seu trabalho, sabendo diferenciar tipos de ventos, cardumes, períodos relativos ao calendário lunar e mais aptos à captura de certos tipos de pescados, os melhores locais para pesca e outros, pois sem esse conhecimento, que é adquirido pela experiência de vida, não se faz pescador (RAMALHO, 2006; CARDOSO, 2001).

A pesca artesanal é responsável por um grande número de empregos nas comunidades litorâneas nos setores de captura, beneficiamento e comercialização da pesca. Esta atividade também é importante na manutenção da grande diversidade cultural, a qual está vinculada às atividades desenvolvidas pelos pequenos pescadores, coletores de caranguejos e extrativistas espalhados pelo litoral, rios, lagos e represas do Brasil (DIEGUES, 1995).

Grande parte destes sujeitos está associada às colônias de pesca que comportam:

Aglomerados litorâneos, costeiros, intralagunares, cuja força-de-trabalho de seus recursos humanos se concentra, em parcela dominante, mobilizada na atividade pesqueira, compreendida em suas etapas de captura, aproveitamento, industrial, comercialização e ainda na confecção de utensílios de pesca e construção de embarcações para fins de captura de pescado (LAGO, 1968, p. 39).

Sobre a concepção do que é a pesca artesanal marinha, sobre o espaço que é produzido e onde esta atividade é realizada Cardoso (2003, p. 58) defende que:

Praia e mar são imagens associadas diretamente à diversão no imaginário da população. A praia é um espaço limítrofe onde deixamos as coisas da terra de lado e partimos para o lazer. No entanto, se

invertermos essa perspectiva e olharmos do mar em direção à terra encontramos novos sentidos para a praia. Ela passa a ser o ponto de chegada para os pescadores que tiveram, no mar, uma longa jornada de trabalho. Mais do que uma vastidão azul, sem cercas ou limites, o mar representa para eles um espaço de trabalho cotidiano, que possui lugares, pontos e marcas conhecidos, construídos e disputados na busca diária pelos peixes que garantem seu sustento. As distintas práticas de pescaria revelam a existência de territórios no mar.

Além de ser esse espaço de lazer, é a praia o lugar de chegada dos/as pescadores/as, onde muitas vezes já beneficiam sua produção (Figura 3) e a comercializam. No mar, logo à frente, espaço extremamente móvel e "infinito", são construídas relações de solidariedade, compadrio, onde a maior parte de seu trabalho é executado.



Figura 3: Pescador beneficiando a produção na Praia da Enseada

Fonte: Wagner (2019)

Como sugere o título do trabalho, a pesca e o circuito produtivo em que esta se insere, em São Francisco do Sul, conta tanto com o trabalho masculino como o feminino. Entretanto, a inserção do trabalho da mulher efetivamente como sujeito pescador tem se intensificado somente nos últimos anos. Antes essa atividade de captura era exclusivamente da figura masculina, apesar do trabalho feminino de beneficiamento do pescado e confecção de redes já ter sido observado desde a década de 1960 (LAGO, 1961 e 1968).

A construção social do gênero está diretamente relacionada às representações que são produzidas sobre os homens e as mulheres em cada cultura e em cada sociedade, ambos pertencentes a universos de domínio distintos. Na cultura pesqueira, a existência de alguns mitos preconiza que as atividades de captura não caberiam ao gênero feminino, tais como aqueles que atribuem má sorte e fragilidade à figura feminina (BORGONHA e BORGONHA, 2010).

Apesar desta visão, a presença feminina está longe de ser considerada meramente complementar, pois o papel da mulher se estende ao longo de todos os laços produtivos da pesca e dividindo-se entre a manipulação e venda do pescado e a pesca propriamente dita, com ou sem a companhia do marido, compreendendo desde o deslocamento, colocação, recolhimento e a despesca das redes (BORGONHA e BORGONHA, 2010).

As mulheres inseridas na pesca na ilha de São Francisco do Sul enfrentaram e venceram um paradigma (o do mar como território proibido) em prol de suas necessidades de sobrevivência (...). A presença da mulher na pesca está relacionada a uma presença-ausência, a força e a fraqueza, ao bem e ao mal, categorias que circundam o discurso de homens e mulheres. Apesar do reconhecimento familiar e local, não possuem direitos assegurados pelo exercício de suas atividades, dependendo única e exclusivamente dos parceiros e ganhando pela produção (...). Se há o não-reconhecimento formal de postos efetivos de trabalho para as mulheres, há também a atuação de cada uma delas como mulher de pescador, exercendo as funções do trabalho doméstico e da educação dos filhos; e da mulher-pescadora, investindo no mar e buscando espaços de atuação profissional e de sobrevivência (BORGONHA e BORGONHA, 2010, p. 107).

Ainda sobre a definição da categoria dos pescadores artesanais, Diegues (1988) define que estes sujeitos são aqueles que fazem a divisão da produção em "partes", sendo o produto destinado principalmente ao mercado. Da pesca retiram a maior parte de sua renda, podendo sazonalmente exercer atividades complementares. Outra característica do pescador artesanal, é a sua dependência de comerciantes ou "atravessadores/intermediários" (donos de peixarias, principalmente), para os quais muitas vezes entregam toda a produção, pois deles dependem para a compra do material de pesca.

Sobre este agente do processo produtivo, Lago (1968, p.37) já preconizava:

O intermediário, como elo de ligação entre o pescador e o consumidor, já começa, generalizadamente, a ser encarado como espoliador (...) A simples eliminação da ação de intermediários está longe de significar campo aberto para o aceleração das melhorias econômicas e sociais. A implantação de cooperativas de produção exige, antes de tudo, vontade de aprender, esforço considerável para alterar fronteiras de comportamento. Implica na administração de bens comuns, numa dinâmica contábil de grande delicadeza e responsabilidade social.

Atualmente, é possível observar que há inúmeros problemas relacionados à questão da pesca em si e ainda mais à pesca artesanal, pois o atual quadro de aproveitamento dos recursos pesqueiros nacionais aponta para uma exploração excessiva dos principais recursos. Temos assim o que é chamado de sobrepesca, resultado da captura crescente de espécies abaixo das dimensões permitidas e/ou em épocas não permitidas por lei (DIEGUES, 1988; CARDOSO, 2003).

Entra aqui a questão do respeito ao período do defeso das espécies, o que representa paralisação temporária da pesca para a preservação das espécies, tendo como motivação a reprodução e/ou recrutamento, bem como paralisações causadas por fenômenos naturais ou acidentes. Este período é estabelecido por meio de atos normativos (portarias, instruções normativas), discutidos e publicados pelo órgão federal competente, definido por espécies a serem protegidas e sua área de ocorrência. Para algumas destas ocasiões se estabelece o pagamento do seguro-defeso aos pescadores.

Os pescadores artesanais dependem da pesca em ambientes que sofrem hoje impactos não somente da pesca predatória, com a diminuição dos estoques pesqueiros, mas também da crescente poluição dos ecossistemas por resíduos industriais, agrotóxicos, etc. (DIEGUES, 2002). Em São Francisco do Sul-SC, um grande exemplo de degradação ambiental é o assoreamento do Canal do Linguado e suas respectivas consequências, advindas de seu aterramento ainda na primeira metade do século XX.

Observa-se ainda o processo de espoliação pelo qual milhares desses pequenos produtores, intimidados pela especulação imobiliária, são expulsos de suas praias, ilhas e áreas ribeirinhas. Além de tirá-los destes espaços tradicionalmente ocupados há muitos anos, ocorre também a destruição da importante vegetação de mangue em áreas de reprodução de espécies de pescados. Restingas e praias também sofrem pressões antrópicas, pondo em risco a própria existência desses importantes ecossistemas (DIEGUES, 1995).

Ademais, Diegues (1988, p. 03) escreve que

Constata-se um agravamento contínuo dos problemas que afetam a produção pesqueira artesanal tanto por fatores objetivos (degradação ambiental, destruição e comprometimento dos recursos naturais etc.) quanto pela ineficácia das estratégias governamentais em superar os entraves existentes para o desenvolvimento das comunidades pesqueiras artesanais do litoral brasileiro. Em muitos casos está em perigo a própria sobrevivência física dos pescadores, ameaçados pela pesca empresarial/industrial, pela expulsão de suas praias por grupos imobiliários e pela degradação ambiental.

Logo, os pescadores artesanais são diretamente afetados pela crescente degradação ambiental dos ecossistemas dos quais retiram sua subsistência. A poluição destes ambientes aquáticos está se intensificando ano a ano, tornando a existência destas pessoas cada vez mais difícil. Portanto, dentre as principais preocupações dos pescadores artesanais, temos a da continuidade e reprodução das pescarias, que está relacionada à necessidade de preservação dos recursos naturais, dos ecossistemas nos quais exercem sua atividade de pesca.

## CONCLUSÕES

Pretendeu-se, em linhas gerais, caracterizar a atividade pesqueira em São Francisco do Sul, delimitar um perfil dos sujeitos envolvidos, os materiais utilizados para viabilizá-la e as dificuldades encontradas na pesca. Ao desenvolvimento da pesquisa empírica, foram sendo mobilizados os conceitos e fundamentos teóricos para seu entendimento.



Esta se caracteriza por ocorrer na área oceânica e no interior da Baía Babitonga, com a pesca de camarão (sete-barbas, branco e rosa), tainha, parati, dentre outras espécies. A captura é feita principalmente por meio de redes de emalhe e com embarcações motorizadas. O destino da produção é essencialmente a venda direta ao consumidor e as famílias envolvidas na atividade pesqueira obtém ao mês uma média de 1,57 salários mínimos.

Desde os primórdios da história do município, a pesca esteve presente entre seus habitantes, sendo uma atividade que possui saberes que são construídos na prática diária e são passados de geração em geração. Estes estão subordinados diretamente à natureza, principalmente no que diz respeito à presença de cardumes de pescado.

Estes sujeitos, homens e mulheres, possuem uma grande relevância em São Francisco do Sul, responsáveis por abastecer de pescado o município e municípios vizinhos. Apesar de sua importância, são afetados pela degradação ambiental, avanço da especulação imobiliária e pelos circuitos de intermediação do pescado.

## REFERÊNCIAS

- BORGONHA, M.; BORGONHA, M. C.. Mulher-pescadora e mulher de pescador: A presença da mulher na pesca artesanal. In: GERHARDINGER, L. C.; BORGONHA, M.; BERTONCICNI, Á. A. (Org.). **Memória do Mar: biodiversidade, conservação e cultura no litoral brasileiro**. Florianópolis: Ecomares, 2010. p. 104-107.
- CARDOSO, E. S.. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social**. 2001. 143 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARDOSO, E. S. Territórios pesqueiros: Instrumentos de gestão. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 33, n. 196, p.58-60, ago. 2003.
- DIEGUES, A. C. (org.). **Povos e águas: inventário de áreas úmidas**. 2ª. ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002. 597 p. 49
- DIEGUES, A. C. A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência. **Proposta: Experiências em educação popular**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, p.02-24, set. 1988.
- DIEGUES, A. C. Povos e Mares: Leituras em Sócio-Antropologia Marítima. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995, 269 p.
- LAGO, P. F. A. **Comunidades pesqueiras de Santa Catarina: Condições sociais e econômicas do pescador artesanal e aspectos da evolução da atividade Pesqueira em Santa Catarina**. Ministério da Agricultura. Rio de Janeiro, 1968, 121 p.
- LAGO, P. F. A. Contribuições ao Estudo da Pesca no Litoral de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Geografia**. v. 23, n.1, p. 121-215, 1961.
- MORENO, L. T. C., M. D. Trabalhadores do Mar: uma discussão sobre as transformações do trabalho do pescador artesanal de Ubatuba/SP. **Revista Pegada**. vol. 14 n.1. Julho/2013. p. 139-163.
- PROZEE, Fundação. **Relatório Técnico sobre o Censo Estrutural da Pesca Artesanal Marítima e Estuarina nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande Do Sul**. Itajaí: Fundação Prozee, 2005. 154 p.
- RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, A. M. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no Vale do Ribeira e litoral sul de São Paulo. **Revista Ceciliana**, Santos, v. 1, n. 4, p.37-43, jun. 2012.
- RAMALHO, C. W. N. **Ah, esse povo do mar!** Um estudo sobre o trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana. São Paulo: Polis. CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH – UNICAMP), 2006. 175 p.
- SANTOS, S. C.; NACKE, A.; REIS, M. J. (Org.). **São Francisco do Sul: Muito além da viagem de Gonneville**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

SÃO FRANCISCO DO SUL. **Implantação da TPA em São Francisco do Sul.** São Francisco do Sul, 2018. 239 p.

SILVA, A. P. **Pesca artesanal brasileira:** Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2014.

UNIVALI. **Projeto caracterização socioeconômica das atividades de pesca e aquicultura em Santa Catarina (PCSPA).** Itajaí: Univali, 2018. 43 p.